



CAP-UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

**Disciplina:** Língua Portuguesa

**Turmas:**

**Estudante:** \_\_\_\_\_

**Coord.:**

**Professora:** Angélica Castilho

**n.º:** \_\_\_\_ **Data:** \_\_ / \_\_ /20 \_\_

**UNIDADE:** conto, leitura e interpretação; produção oral e escrita; intertextualidade; neologismo; prosa poética; metáfora; onomatopeia; aspectos verbais; orações subordinadas adjetivas.

## TEXTO

### FITA VERDE NO CABELO (NOVA VELHA ESTÓRIA)

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, Suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia: – Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou. A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vinha-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

– Quem é?

– Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil, disse: – Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar aggado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: – Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

– Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

– É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

– Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

– É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

– Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

– É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: – Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

**Questão 1:**

A história lida constitui uma releitura do conto “Chapeuzinho Vermelho”, dos irmãos Grimm, provocando possivelmente *intertextualidade*, que é uma reutilização de discurso, em novo contexto comunicativo, mas que precisa do conhecimento do leitor para que as associações entre os textos sejam feitas, não basta a intencionalidade do autor ao escrever.

a) O início do texto expõe as características do cenário em que se passa o conto. **Como** essa descrição remete aos elementos narrativos que configuram o texto original?

---

---

b) **Quais** outras marcas textuais indicam intertextualidade entre o conto de Guimarães Rosa e o conto infantil escrito pelos alemães?

---

---

c) **Quais** alternâncias de sentido são percebidas ao comparar os dois textos?

---

---

**Questão 2:**

Considerando a visão sobre a infância e sobre a velhice,

a) como é apresentado ao leitor os papéis sociais que a menina e a avó possuem na versão de Guimarães Rosa?

---

---

b) que reflexões sobre essas duas etapas da vida podemos tecer com base no texto?

---

---

**Questão 3:**

O texto apresenta a criação de palavras que não existem em dicionários de língua portuguesa.

a) Tais palavras atrapalham o entendimento do texto? Por quê?

---

---

b) **Qual** a importância do uso de tais palavras para o aspecto poético que a narrativa possui?

---

---

c) Há um nome técnico para essas palavras: *neologismo*. Elas são criadas a partir de outros já existentes, formando um novo sentido dentro de determinado contexto e possuindo um valor expressivo muito importante para a formação do sentido textual. **Destaque** duas dessas palavras e **explique** o sentido que ganham dentro do texto.

---

---

**Questão 4:**

Guimarães Rosa utiliza uma *prosa poética*, ou seja, narra com uma carga poética intensa e consegue fazer uso da linguagem fora do uso comum, cria palavras, rompe os limites entre os gêneros. Poesia e Narração estão no mesmo plano criativo. Vejamos, a seguir, alguns procedimentos responsáveis pela prosa poética no conto.

**Destaque** as palavras ou expressões que evidenciam *traços dos recursos poéticos* utilizado na narrativa. (Questão 2. Adaptada do Colégio Pedro II. Concurso Público para docentes, 2013. Prova Preliminar-Português.)

I) “(...) meninos e meninas que nasciam e cresciam.” (1º. parágrafo)

---

II) “(...) velhos e velhas que velhavam (...)” (1º. parágrafo)

---

III) “Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto.” (1º. parágrafo)

---

### **Questão 5:**

Ao acabar a leitura do texto, notamos que o gênero literário lido é um conto. Mas como você definiria “conto”?

---

Agora vamos ler juntos a definição de conto feita por Carlos Ceia a seguir:

Do lat. *comentum*, in. (invenção, ficção, plano, projecto), ligado ao v. *contueor*, eris (olhar atentamente para, contemplar, ver, divisar). Narração oral ou escrita (verdadeira ou fabulosa); obra literária de ficção, narração sintética e monocrônica de um fato da vida. Podemos afirmar que o contar é tão antigo quanto a vida em comunidade, pois é inerente à natureza humana, o falar, a necessidade, de comunicarmos ao outro o que sentimos, descobrimos, queremos desejamos etc. Como o é também a curiosidade de ouvir, conhecer, sabermos dos outros. E cada qual contando e ouvindo de acordo com sua imaginação, fantasia, temperamento. Fácil é imaginarmos que, em tempos primitivos, foi das diferenças de temperamento ou fantasia dos que falavam, que foram surgindo aqueles que fabulavam. Isto é, os “contadores”, aqueles que (por particular magia da voz e da imaginação) fabulavam os fatos ou acontecimentos e davam-lhes uma forma-de-dizer sedutora que seus ouvintes passavam a repetir e que se transformava na versão dominante, no conto que, de geração para geração, era narrado e transformado em detalhes ou variantes, pois como diz o ditado: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Juan Valera (1824-1905), notável escritor e erudito humanista espanhol, analisando a omnipresença do conto na tradição de todos os povos da antiguidade (mesmo naqueles que desconhecem poesia épica, filosofia ou legalização), justifica o fenômeno como resultante da necessidade humana de conhecer e de comunicar-se: “O pouco comum (e difícil) que era a comunicação dos homens de uma região com outras; as vagas notícias sobre a geografia e o perigo das peregrinações por mar e por terra, deram origem a multidões de histórias, que se transformarem em contos ou novelas. (...)” (CEIA, 2017, s.p.)

O autor faz uma abordagem bem precisa do conceito de conto e situa o leitor no universo narrativo desse gênero literário. Agora que lemos, volte à definição e destaque sublinhando o que você consegue identificar no conto de Guimarães Rosa.

### **Questão 6:**

“Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, Suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, **saiu** de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.”

Os verbos sublinhados estão no pretérito imperfeito do indicativo.

a) Em quais situações usamos esse tempo verbal?

---

b) Por que podemos afirmar que se trata de um tempo verbal adequado para narrativas como contos?

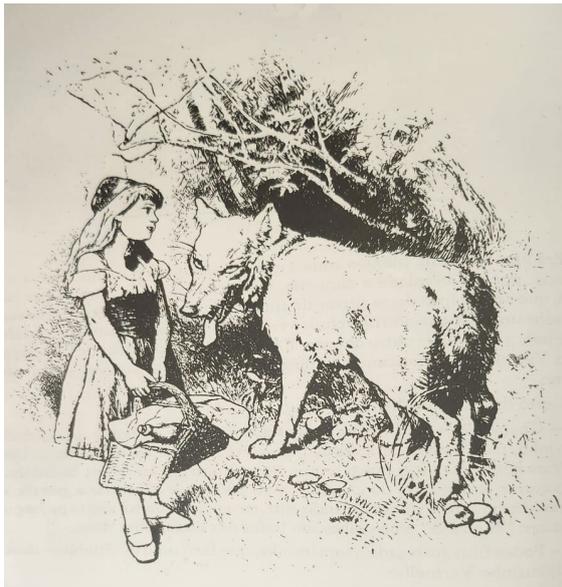
---

c) Em destaque no trecho está o verbo “saiu” no pretérito perfeito do indicativo.

- Quando é usado tal tempo verbal?

- Que contraste de sentido ele produz com os verbos anteriores usados no pretérito imperfeito para a narrativa que se conta?

- Elabore um enunciado para as imagens a seguir utilizando o verbo “sair” ora no pretérito perfeito, ora no pretérito imperfeito do indicativo.



### **Questão 7:**

“Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

– Quem é?

– Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.”

Notamos nesse trecho uso de recurso que remete a reprodução de som.

a) Que nome ele recebe? \_\_\_\_\_

b) Qual a importância para narrativa? \_\_\_\_\_

### **Questão 8:**

“Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e (que) cresciam. Todos com juízo, Suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto (não tinha). Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia. Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia: – Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou. A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.”

Todas as orações sublinhadas se referem a um termo anterior e são iniciadas por um pronome relativo.

- Envolve os pronomes relativos e ligue-os aos termos aos quais se referem.
- Substitua os pronomes relativos por outros que sejam sinônimos, tendo atenção para concordância de número e gênero.
- Essas orações exercem função de adjunto adnominal dos termos aos quais se referem. São, portanto, orações subordinadas adjetivas. Algumas restringem os sentidos outras delimitam o sentido. Volte ao fragmento e identifique quais restringem e quais ampliam dados ou oferecem detalhes.
- As orações subordinadas adjetivas que restringem recebem o nome de \_\_\_\_\_ e as que ampliam são nomeadas de \_\_\_\_\_.

### **Questão 9:**

O conto com caráter maravilhoso, como “Chapeuzinho Vermelho”, apresenta traços como um mundo metafórico que, para alguns, pode parecer irreal, como o lobo falante. Porém, o texto literário vai além de reproduzir com fidelidade “fotográfica” o mundo, ele representa o mundo a partir da elaboração de elementos que o mostram potencializando traços em diálogo com elementos mágicos e mesmo com fatos absurdos, todos totalmente integrados a ele, dando unidade de sentido e estabelecendo um paralelo com nosso mundo empírico pelas simbologias criadas.

- Existe algum traço de elementos maravilhosos no conto de Guimarães Rosa? Justifique.

---

- A temática da morte é apresentada por outro recurso no conto que não o maravilhoso, mas sim o confronto entre a imaginação da menina e a realidade. Que elementos textuais marcam esse confronto?

---

- o que tal confronto contribui para as experiências de vida da menina?

---

### **Questão 10:**

A figura do lobo é tratada de forma particular por Guimarães Rosa: a grafia com letra maiúscula, mesmo se tratando de um nome comum; ele não surge na narrativa uma um personagem com falas e ações; o lobo está em sentido diferente do usado habitualmente em contos infantis.

- Considerando a leitura do texto, podemos afirmar que o lobo é uma metáfora. O que essa metáfora pode significar no texto?

---

- Como você define metáfora?

---

- Veja a definição nos dada por Paula Mendes e compare com a sua:

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega metaphorá através da junção de dois elementos que a compõem – meta que significa que significa “sobre” e pherein com a significação de

“transporte”. Neste sentido, metáfora surge enquanto sinónima de “transporte”, “mudança”, “transferência” e em sentido mais específico, “transporte de sentido próprio em sentido figurado”. Figura de estilo que possibilita a expressão de sentimentos, emoções e ideias de modo imaginativo e inovador por meio de uma associação de semelhança implícita entre dois elementos. (...) (MENDES, 2017, s.p.)

d) Cria-se no decorrer da narrativa uma **metáfora** para o processo de amadurecimento da personagem Fita-Verde.

- **Que** expressão é metáfora da infância?

- 
- Quando se dá a passagem da menina do mundo infantil para o adulto? **Transcreva** o trecho de tal momento.

- 
- O que a cor verde pode simbolizar no contexto apresentado no conto?

### **Questão 11:**

A morte como realidade completa e irremediável no fim do conto pode provocar algumas reflexões sobre a finitude do ser humano. Elenque algumas possíveis leituras do papel da morte no desfecho do conto.

---

---

---

---

O conto fecha um ciclo com a morte da avó. Do início com a exposição dos personagens que nascem, crescem e morrem sem maiores indagações sobre a existência e a trajetória atípica da menina que não se encaixa nos moldes da vila onde mora, mas que não pode escapar, por meio da imaginação, da ordem natural das coisas. E por não poder escapar vivencia o sentimento de arrebatamento trágico, ou seja, um fato que altera definitivamente a sua percepção de algum aspecto da vida. Nesse sentido, o conto de Guimarães Rosa não se propõe a lições de moral ou de comportamento, mas sim, propõe uma reflexão sobre a existência humana em seu percurso da infância à velhice.

### **Referências:**

CEIA, Carlos. “Conto”. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6264/conto/>> Acesso em: 07 maio 2017.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. "Chapeuzinho Vermelho". In.: **Contos de fadas**. Tradução: David Jardim Júnior. Ilustração do conto: Hermann Vogel. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica, 1994, p. 327-334.

MENDES, Paula. “Metáfora”. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/7045/met%C3%A1fora/>> Acesso em: 07 maio 2017.

ROSA, João Guimarães. “Fita Verde no Cabelo (Nova velha estória)”. In.: **Ave, palavra**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.110-113.



Título: Conto, intertextualidade, neologismo, prosa poética, metáfora, onomatopeia, aspectos verbais, orações subordinadas adjetivas.

Autoras: Angélica de Oliveira Castilho Pereira; Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira.

Produzido em: maio de 2017.

Revisado e ampliado em: fevereiro de 2024.

Use este link para compartilhar e/ou citar este material: